

PEDAGOGIA SOCIAL: EM DEFESA DOS “FUTRICAS”

Luciano José Okraska
Universidade Pontifícia Católica do Paraná
ljokraska@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo busca, fundamentado sobretudo na obra “Pedagogia dos Conflitos Sociais” do professor Oder José dos Santos, enfatizar e focar a camada social por ele determinada “futrica” e apontar de que forma a Pedagogia Social vem atuando, ou pelo menos buscando atuar com esta classe social historicamente excluída, à margem do mínimo necessário para se levar uma vida íntegra. Este artigo busca também apontar as incontáveis adversidades pertinentes à desigual história sócio-econômica de classes no Brasil, notoriamente constituída por massivas camadas de analfabetos, crianças de rua, viciados, detentos, indígenas, membros de movimentos que buscam por justiça social - como é o caso do MST- Movimento dos Sem Terra, cidadãos da terceira-idade, entre outros de igual representatividade e que, como os demais orbitam o mundo que podemos chamar de ideal. Este presente artigo também pretende historicizar a Pedagogia Social mundial e brasileira procurando entender as suas especificidade e configuração e finalmente questiona os rumos futuros desta área de atuação que, como ciência, pode ser considerada relativamente nova no meio acadêmico. Palavras chave: Pedagogia Social, futricas, conflitos sociais, exclusão

social, classe social, analfabetos, mundo ideal.

ABSTRACT

This current article tries, based on the book “Pedagogia dos Conflitos Sociais” by Oder José dos Santos, emphasize and focus on the social class by him determined as “futrica” and point at the way that the Social Pedagogy has acted, or been trying to act with this historically excluded social class, away from the minimum needed to have a dignified life. This article also tries to point at the countless adversities presented at the unequal social-economic history of social classes in Brazil made up of illiterate people, children who live on the streets, prisoners, indigenous people, addicts and from landless movements, for instance, senior citizens and some others of equal representativeness and who, as the other groups here mentioned, orbit the so-called ideal world. This article also intends to set the history of the world and the national Social Pedagogy, trying to understand its features and configuration, and finally it questions the future direction of this area that, as a science, is relatively unknown at the academic field.

Key words: Social Pedagogy, “futricas”, social conflicts, social exclusion, social class, illiteracy, ideal world.

INTRODUÇÃO

De acordo com o “Aurélio – pequeno dicionário da língua portuguesa”, 2010, o vocábulo “futrica”, o qual se encontra mais especificamente na página 574 do referido léxico, tem por definição: “**futrica** *sf* 1 Intriga, mexerico, fuxico. 2 *pop* Provocação”. Na esfera de senso-comum, esta definição nos parece, pelo menos à primeira vista, diametral e absolutamente satisfatória. Esta satisfação fugaz, oriunda de um conceito espontaneamente tomado por definitivo, cai rapidamente por terra quando, por felicidade, temos acesso à obra do professor titular da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, e Pós-doutor pelo Instituto de Educação da Universidade de Londres, Oder José dos Santos, “Pedagogia dos Conflitos Sociais” de 1992. Logo no capítulo I do citado livro: ‘Educação como socialização – o campo da distribuição’, o autor, provocativamente, define:

A primeira vantagem da universidade, como instituição social, é a separação que se forma naturalmente entre estudantes e futricas, entre os que apenas vivem de resolver idéias ou teorias e aqueles que vivem do trabalho. Assim, o estudante fica para sempre penetrado desta grande idéia social: que há duas classes – uma que sabe, outra que produz. A primeira, naturalmente, sendo o cérebro, governa; a segunda, sendo a mão, opera, e veste, calça, nutre e paga a primeira.

O autor ainda vai além à sua constatação: “Dois mundos que se não podem confundir e que, vivendo à parte, com fins diferentes, caminham paralelamente na civilização, um com o título egrégio de bacharel, outro com o nome emblemático de futrica.”

E conclui:

Bacharéis são os políticos, os oradores, os poetas e, por adoção tácita, os capitalistas, os banqueiros, os altos negociadores. Futricas são os carpinteiros, os trolhas, os cigarreiros, os alfaiates... O bacharel, tendo consciência da sua superioridade intelectual, da autoridade que ela lhe confere, dispõe do mundo; ao futrica, resta produzir, pagar para que o bacharel possa viver, e rezar ao Ser Divino para que proteja o bacharel.

Pois é justamente este segmento derradeiro – ou talvez ainda uma fração inferior a este - que nos interessa e se faz foco neste artigo: o futrica e a

forma como a Pedagogia Social vem atuando, ou pelo menos tentando – apesar de todas as adversidades pertinentes a esta área no Brasil - atuar neste e com este fragmento social. Nesta relação observamos, na desigual história sócio-econômica de classes no Brasil, o aqui denominado futrica, notoriamente constituído por massivas camadas de analfabetos, crianças de rua, viciados, detentos, indígenas, membros de movimentos que buscam por justiça social - como é o caso do MST- Movimento dos Sem Terra, cidadãos da terceira-idade, entre outros de igual representatividade e que, como os demais, vivem à margem da sociedade apenas orbitando o mundo que podemos chamar de ideal; e a Pedagogia Social, atualmente considerada como ciência transdisciplinar e cujo termo surge pela primeira vez em 1844, utilizado por Karl Mager na revista *Pädagogische Revue*, a qual pretendia inicialmente caracterizar o conceito de “ajuda à juventude”, isto é, ajuda educativa, profissional e cultural (CARO *Et Al*, 2004).

Para que possamos melhor compreender como o processo “futricas” (que a partir daqui, por razões inequívocas podemos denominar excluídos), aliado à Pedagogia Social se dá, analisaremos, de forma breve, o quadro em que o Brasil encontra-se inserido no tocante à esta realidade e, posteriormente, o histórico global desta ciência que desponta como uma luz no fim do túnel para aqueles que vivem à margem da sociedade e dos elementos que uma vida social digna requer.

O Brasil, nação internacionalmente conhecida pelas suas belezas naturais, fauna e flora abundantes, território e costa marítima extensos, bem como possuidor de um dos povos mais alegres e generosos que habitam o planeta, apresenta também, dentre estes e demais inúmeros predicados aqui não mencionados, incômodas e notórias disparidades sócio-econômicas que, por certo prisma e, em meio a tanta riqueza, poderíamos chamar de incoerentes, senão ilógicas e contraditórias.

Apesar de, nas últimas décadas a economia nacional ter atingido um patamar e *status* de estabilidade, destacando o país no mercado

econômico internacional, colocando-o por vezes na situação de credor, e não somente devedor como costumávamos constantemente ver e ouvir na mídia local, seus índices de analfabetismo ainda são alarmantes. Um segmento das suas crianças ainda habita as ruas. A sua população carcerária cresce. A nação adocece a mercê de um sistema de saúde público falido e ineficiente. A corrupção impera e as desigualdades sociais espalhadas pelos quatro cantos da nação ecoam vergonhosamente. Apesar de Paulo Freire e seu modelo de educação popular desenvolvido para alfabetizar adultos na década de 1960, apesar de suas obras terem alcançado diversos países da América Latina e Europa, apesar de sua clara meta de aquisição de consciência como condição mor para garantir a transformação social de um território, parece que ainda não encontramos o nosso norte no que diz respeito à Pedagogia Social brasileira.

HISTORICIZANDO A PEDAGOGIA SOCIAL MUNDIAL

João Clemente de Souza Neto, um dos organizadores da obra “Pedagogia Social” de 2009, aponta, já no início do referido livro, para alguns aspectos, autores e eventos históricos que contribuem para nos localizarmos cronologicamente e compreendermos como a origem da Pedagogia Social inicialmente ocorreu no mundo, em especial na Europa, continente precursor desta ciência de caráter humanista e, por vezes, sócio-filantrópica. Segundo o autor, de 09 a 15 de abril de 1949, na cidade de Spire na Alemanha, aconteceu, sob responsabilidade dos professores H. Camionete Ette e H Joubrel, um encontro internacional para discutir os problemas de instrução de crianças e adolescentes “inadaptados”, crianças estas órfãs da guerra que precisavam ser readaptadas ao sistema escolar.

De acordo com Hans-Uwe Otto, 2009, autor do capítulo “Origens da Pedagogia Social” da referida obra, Paul Natorp, por ele considerado o autor mais importante da Pedagogia Social na virada do século XIX para XX, reivindicava que toda Pedagogia deveria ter cunho social, de que houvesse interação entre processos educacionais e sociedade. Contudo, o educador

suíço Pestalozzi, no final do século XVIII, já estudava a concepção de assistência social empreendida através da educação.

Bernard Fichtner, professor universitário alemão e diretor do *International Doctorate Educacion* (INEDD), também autor encontrado na obra “Pedagogia Social”, descreve:

Numa perspectiva histórica, encontramos na Idade Média e início da modernidade uma preocupação social mais relacionada com atividades beneficentes, filantrópicas e altruístas, orientadas fundamentalmente para as camadas mais pobres da sociedade.

Com o processo de industrialização da sociedade, se produz um corte abrupto na Alemanha do século XIX, originando para a Pedagogia e o Trabalho Social diferentes raízes históricas, enunciando, dentre outras:

- a) Sistema de proteção tipo assistência social (Fürsorge / Wohlfahrtspflege);
- b) Educação Infantil de creches e jardim de infância baseadas na concepção de Froebel (Fröebel Kindergarten)
- c) No movimento denominado Pedagogia de Reforma que aconteceu no fim do século XIX e início do século XX, encontramos uma nova perspectiva para Educação e proteção de jovens.” (FICHTNER, 2009, p. 45)

Fichtner também corrobora episódios que pontuaram a Pedagogia Social alemã, como o fato do império alemão de 1871 até a Primeira Guerra Mundial ter proibido o funcionamento do Partido dos Trabalhadores, mas, concomitantemente ter instaurado o primeiro sistema social de ajuda ao trabalhador. O autor destaca a forma de como a Pedagogia Social / Trabalho Social se expandiu extraordinariamente na Alemanha graças à sua preocupação em capacitar indivíduos, instituições e sociedade como sujeitos sociais atuantes. Os aumentos de postos de trabalho nesta área claramente

mostram isto: de 31.000 pedagogos e trabalhadores sociais em 1925 para 1.039.000 profissionais em 1997.

Em síntese, o século XX foi o período de consolidação da Pedagogia Social na Alemanha, conseguindo constituir-se como área de formação e atuação.

Na Itália, desde o seu nascimento no final do século XIX e início do século XX, a Pedagogia Social apoiou-se nos pensamentos e concepções de Pestalozzi, e dos alemães Froebel e Natorp (1898), contudo o país possui literatura própria. Dentre os seus autores, destacam-se Agazzi (1965), Quintana Cananas (1984) e Feroso (1994).

De acordo com Geraldo Caliman (2009, p. 54), o programa de Pedagogia Social da Università Pontificia Salesiana di Roma (UPS) tem por objetivo principal, a formação de profissionais com competência sócio-pedagógica no setor da educação, re-educação, de marginalizados desadaptados socialmente e de comportamento desviante.

Geraldo Caliman (2009, p.54) descreve a formação destes profissionais da seguinte forma: “Sua formação se dá dentro de uma Faculdade de Ciências da Educação. Em outros casos, na Itália, tal formação se dá dentro de uma Faculdade de Ciências da Formação.”; e ainda vai além explanando como se distribui a sua grade disciplinar: “31,2% de pedagógicas, 14,6% de Psicológicas, 14,6% de Humanísticas, 12,5% são disciplinas sociológicas, 12,5% são disciplinas sociológicas, 12,5% são técnicas e de animação cultural, 4,2% jurídicas”.

O autor Pérez Serrano (2004) decompõe a Pedagogia Social Histórica em quatro períodos distintos:

1. Entre 1850 e 1920 – a defesa do pensamento de Natorp de que o homem individual é uma abstração cujo sentido se dá apenas quando inserido em sociedade. O autor reconhece o homem como um ser social.

2. Entre 1920 e 1933 – Observam-se problemas diretamente associados à Primeira Grande Guerra Mundial: desemprego, delinqüência, crianças e jovens socialmente desprotegidos por terem perdido as suas famílias para a guerra. Busca-se, como conseqüência, o bem-estar do sujeito, estimulando-o a desenvolver a sua capacidade e potencialidades.
3. Entre 1933 e 1949 – período de poucos avanços, principalmente na Alemanha, a qual esta sujeita e imposta à ideologia política de Hitler.
4. Entre 1950 até os dias de hoje: período em que surge, na Europa, uma Pedagogia Social mais crítica que leva em consideração o passado histórico e os valores sociais europeus.

Na América Latina, não se conta com muita informação e conhecimento a respeito da Pedagogia Social e seu desenrolar histórico, contudo, o autor uruguaio Jorge Camors (2009), brevemente descreve alguns aspectos que vão do século XV ao XXI, e que nos ajudam a compreender o processo da Pedagogia Social na América do Sul. O referido autor afirma que muitas informações foram esquecidas e sepultadas graças às conquistas de vários países europeus, em especial a Espanha. O autor também destaca que, nos séculos XVI, XVII e XVIII, ocorreu o processo de colonização impactando a cultura, a religiosidade e a dominação política e social-econômica da região.

No final do século XIX e princípio do século XX começaram a chegar os imigrantes europeus com forte bagagem política, cultural e sindical, impactando fortemente o continente e de diferente maneira em cada país.

Jorge Camors (2009, p. 120) descreve o processo de consolidação do movimento operário, o qual foi fortemente influenciado pelos imigrantes europeus, suas experiências e antecedentes. A classe trabalhadora organiza-se, constitui-se e concentra-se em atos sociais e políticos de muito peso e em muitos países. Alianças políticas e articulações culturais se solidificam.

Destacam-se as lutas indígenas e camponesas por terra e produção, mas sempre com caráter de reivindicação e com propostas de trocas sociais.

No caso do Uruguai, em especial, desde 1989 se desenrola a educação social, a qual surgiu na extinta Escola dos Funcionários do INAME, atual Centro de Formação dos Funcionários do INAU, como formação a nível terciário, dentro do nível universitário, e reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura desde 1997. No Uruguai, a figura do Educador Social se consolida em 1990, e cuja formação é reformulada em 1996.

Os primeiros aportes conceituais uruguaios se baseiam na experiência educativa em âmbito institucional no Instituto de La Niñez y Adolescencia de Uruguay (INAU). O surgimento de uma nova formação em consequência de uma nova figura profissional na educação esteve marcada por muita resistência, incompreensão e indiferença, por parte dos docentes, especialmente Mestres da área da Assistência Social.

Finalizando a descrição da pedagogia Social uruguiaia, Jorge Camors descreve:

O trabalho realizado entre o período de 2001 e 2005 de intercâmbio e articulações entre a experiência e a Educação Social na América Latina, e a experiência acumulada na região uruguiaia, principalmente na educação popular baseada nas obras de Paulo Freire, significaram um aporte em ambas as direções: em um momento efetivando debates entre as educações popular e social, e em outros descrevendo sínteses de experiências internas e em outros países, como é o caso do Chile.

No mundo clássico até a metade do séc. XIX, a Pedagogia Social surge de forma embrionária em questões sociais debatidas por educadores e filósofos dentre os quais podemos destacar Platão, Pestalozzi, Comênius, entre outros. Estes podem até serem considerados os precursores da Pedagogia Social. (MACHADO, 2008). Já, a Paul Natorp (filósofo neokantiano de origem alemã) credita-se, em 1898, a primeira obra que sistematizou a Pedagogia Social: “Pedagogia Social. Teoria da educação e da vontade sobre a base da comunidade”. Natorp, por acreditar ser o individualismo a razão dos conflitos

sociais que ocorriam na Alemanha antes da guerra, aposta em uma educação baseada na comunidade em detrimento dos indivíduos.

O final do século XIX, quando entrou em cena a Pedagogia Social na Alemanha, foi caracterizado pelo fortalecimento, pela teorização e pela racionalização das Ciências Sociais. Esta valorização do social se deu tanto por influências dos ideais libertários e de reivindicação de direitos das revoluções burguesas, quanto pela pressão exercida pela realidade social caótica da Europa, principalmente da Alemanha que passava por uma crise econômica nesta época. Os educadores, pressionados pela realidade da crise, aprimoraram a conceituação da Pedagogia Social e basearam suas práticas nela. A Pedagogia Social tinha como função tanto amenizar os conflitos sociais, quanto buscar uma renovação social através da educação. Com o advento da Primeira Guerra Mundial, aumentaram significativamente não somente as necessidades, mas também os problemas sociais na Alemanha. As práticas baseadas na Pedagogia Social direcionaram-se, então, para o atendimento a estas necessidades e problemas. Natorp afirma a Pedagogia Social ser uma pedagogia cujo alcance vai além da escola e da família, ela é por ele concebida como a pedagogia do terceiro espaço.

Com o final da Primeira Guerra Mundial, a figura de Adolf Hitler e os ideais nacionalistas começaram a ganhar força no cenário alemão. A ascensão de Hitler e do governo nazista acabaram por cortar o apoio oriundo do Estado, às iniciativas de Pedagogia Social então existentes e praticadas na Alemanha; o que mostra não somente a fragilidade da área aqui exposta, mas também a necessidade de esta estar vinculada às políticas públicas. É neste período de ideologia nazista, mais especificamente em 1932, que Kriek apresenta uma concepção de Pedagogia Social focada nos ideais nacionalistas, e cuja definição se baseava no comunitarismo e na unidade de atendimento ao povo.

Luzuriaga (1993), citado por Machado (2008), nos introduz a tendência naturalista ampliada por Bergemann em 1900, a qual era baseada na antropologia e na biologia; à tendência historicista trazida por Willman e Barth

“que destacam a importância da pedagogia de se ocupar das ações e fenômenos coletivos, superando a restrição a ações individuais, ampliando a investigação da educação à totalidade dos processos sociais” (MACHADO, 2009); e à tendência sociológica concebida por Durkheim, Manheim, Smith e Peters, que se baseia nas relações entre a Educação e a Sociologia, e que recebeu tão grande destaque ao ponto de, em determinado período, a Pedagogia Social ser compreendida como Sociologia da Educação. Quintana (1988), também citado por Machado (2008), identifica o aspecto socialista-marxista da Pedagogia Social nos registros de Rühle e Bernefeld e nas obras do polonês Bogdan Suchodolski; o enfoque crítico nos trabalhos de Mollenhauer, Giesecke, Horstein e Thiersch; o enfoque positivista aparente nas obras de Rössner a partir de 1970, além do caráter pragmático presente nos trabalhos de Müller e da proposta de auto-ajuda trazida por Iben.

Várias tendências e vertentes foram se delineando no interior da Pedagogia Social e, conseqüentemente, diferentes nomenclaturas para o profissional dessa área passaram a existir. O profissional da Pedagogia Social era chamado de educador social em alguns países da Europa e de pedagogo social na Espanha, Alemanha, Portugal e Dinamarca, mais especificamente. Contudo, não somente as nomenclaturas variavam de região para região, de nação para nação. O caráter atribuído à Pedagogia Social também variava nos países europeus. Na Itália, a Pedagogia Social apresentava cunho absolutamente extra-escolar; na França, constituída depois da Segunda Guerra Mundial, correspondia às carências sociais; nos países anglo-saxões atrelava-se à assistência e à compensação de carências sociais; na Holanda e na Bélgica, o educador especializado, profissional da Pedagogia Social, operava em serviços de recuperação social e de prevenção de riscos sociais. Estas concepções e conceitos deram, por décadas a fio, o tom à Pedagogia Social na Europa e em alguns países espalhados pelo globo, em alguns de forma tímida, como é o caso dos Estados Unidos da América.

É no decorrer dos anos 1980 que se dá o desenvolvimento das metodologias e da formação de profissionais que atuam na área da Pedagogia

Social. É neste período que ela começa a se fortalecer na Espanha e, na década seguinte, passa a compor a grade curricular dos cursos de educação de algumas universidades espanholas. Apesar de pouco difundida, a Pedagogia Social já é regulamentada e reconhecida como profissão em alguns países da América Latina, como México, Argentina, Chile, Venezuela e Uruguai, país este tomado como referência na área.

A Pedagogia Social, assim como na Europa, aparece em distintas intercessões nos países latino-americanos. Paulo Freire, autor que merecidamente será retomado no decorrer deste artigo, apresenta modelos de educação libertária e de alfabetização popular no Brasil. A Pedagogia Social na América Latina também está envolvida em programas concernentes às comunidades indígenas; programas de pesquisa participativa em ação de resgate à cultura e conhecimento popular; programas de participação comunitária na educação; programas de educação rural; entre outros de igual relevância.

Este histórico conciso e analítico mostra que a Pedagogia Social expandiu-se na educação não formal, abrangendo uma gama significativa de objetos e conceitos como questões relacionadas à socialização e ressocialização de indivíduos historicamente excluídos, interferindo na educação social destes.

E o que seria exatamente interferir na educação social dos “futricas”, dos excluídos? Talvez seja este o aspecto mais importante que difere a pedagogia social da assistência social, a qual é comumente confundida com a primeira: o termo **educação** inserido neste contexto. Não estamos falando ou desmerecendo aqui o papel admirável que a assistência social tem de buscar incessantemente diminuir abismos socioeconômicos e promover justiça social procurando prover o “futrica”, o que vive à margem, com o mínimo necessário para que este leve uma vida digna, com saúde, moradia e outros elementos sociais imprescindíveis para que toda e qualquer forma de sociedade viva integralmente. O foco agora é outro. O foco é garantir ao futrica excluído

instrumentos educacionais para que este desenvolva a sua identidade e potencialidades e, conseqüentemente, tenha maior chance de vencer e superar os infortúnios que a sua triste realidade social constantemente o apresenta.

Quando se trata de Pedagogia Social, mais especificamente no caso do Brasil, e por haver pouca difusão desta área de atuação, há certa dificuldade em entender os seus conceitos, concepções e percepções donde esta pode vir a atuar. Por vezes, como acabara de ser mencionado, a Pedagogia Social é confundida com o espaço da Assistência Social. Entretanto, Petrus (1997) destaca que a Pedagogia Social, e a Educação Social por ela gerada apresentam função de ajuda educativa a pessoas ou grupos que configuram a realidade social menos favorecida, enfatizando ainda outros aspectos que ajudam a determinar a sua identidade:

- a) A Pedagogia Social é compreendida como sinônimo de correta socialização;
- b) pressupõe intervenção qualificada de profissionais, a ajuda de recursos e presença de determinadas circunstâncias sobre um sistema social;
- c) refere-se também à aquisição de competências sociais;
- d) representa o conjunto de estratégias e intervenções sócio-comunitárias no meio social;
- e) é concebida como formação social e política do indivíduo, como Educação política do cidadão;
- f) atua na prevenção de desvios sociais;
- g) define-se como trabalho social, entendido, programado e realizado desde a perspectiva educativa e não meramente assistencialista;
- h) é definida como ação educadora na sociedade.

Uma vez apontado o Norte que direciona as frentes de atuação desta ciência, resta agora definir quem são os personagens que nela atuam, os seus precursores brasileiros, os que atualmente carregam a bandeira da Pedagogia Social, e quem por ela são e / ou deveriam ser atendidos.

Não é possível falar de Pedagogia Social no Brasil, sem mencionar o nome de Paulo Freire e o seu modelo de Educação Popular desenvolvido para educar e alfabetizar adultos na década de 1960. A sua Pedagogia difundiu-se e influenciou programas de alfabetização e de educação espalhados pelo Brasil, por muitos países da América Latina e Europa. Ao desenvolver uma Pedagogia “não autoritária”, a tão difundida Pedagogia do Oprimido tem como meta principal o ato de aquisição de consciência como condição mor que irá garantir a transformação social; efeito político que vai além da educação escolar nos moldes que conhecemos. Paulo Freire é, indiscutivelmente, um dos mais respeitáveis emissários da Pedagogia Social brasileira, cuja obra é internacionalmente reconhecida, e por que não dizer, adotada.

Na atualidade, vários autores vêm fazendo da Pedagogia Social a sua ideologia, a sua luta, o seu objeto de estudo que possa vir a gerar um novo campo de atuação. Dentre eles destacam-se: Rogério Moura – Professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, João Clemente de Souza Neto – pesquisador e professor do Centro Universitário FIEO e membro do Núcleo de Estudos de Subjetividade, Cultura e Cidadania (NESCCi) da PUC-SP, Afonso Celso Scocuglia – Professor do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Maria Estela Santos Graciani – Professora doutora em Educação e Administração Escolar pela USP, Evelcy Monteiro Machado, autora por vezes mencionada no decorrer deste artigo, Pedagoga, especialista em Métodos e Técnicas da Educação e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná, entre outros.

Conforme aponta Garcia-Hidobro (1985), por mais de três décadas a Pedagogia Social e seus atores envolvidos em projetos educacionais, vem buscando atuar em frentes como:

- ✓ Programas concernentes a populações indígenas, nativas, relativos a questões de língua, multiculturalismo, identidade étnica, oposição à assimilação da cultura dominante;

- ✓ programas de pesquisa participativa em ação de resgate à cultura e conhecimento popular para reapropriação do poder de grupos dominantes amparados na repressão e na força;
- ✓ programas de participação da comunidade, de identificação de programas educacionais, os quais envolvem professores, pais e alunos;
- ✓ programas de Educação popular pautados às questões da terra, reforma agrária e Educação Rural;
- ✓ programas de formação política por meio de recursos e atividades educacionais focados principalmente nas necessidades das classes marginalizadas, como a alfabetização e na mobilização para contestar estruturas sociais dominantes e o poder do Estado.

Uma vez traçado o histórico mundial e brasileiro da Pedagogia Social; determinado os seus conceitos e acepções; estabelecido os seus atores, fatores e precursores, resta-nos apenas apontar a quem esta ciência de caráter humanista, não assistencialista, designa-se. Quem pode usufruir das benesses pela Pedagogia Social proporcionadas? Em que instante o futuro é por ela lembrado? Como afirma João Clemente de Souza Neto (2009), no que se refere à realidade brasileira do século passado, em especial no final da década de oitenta e início dos anos noventa, a sociedade conquistou o que ele denomina de reordenamento jurídico, o qual contribuiu, segundo o autor, para a construção de uma cultura de direitos:

Neste contexto, a democratização das relações sociais alcançou um novo patamar e diferentes indagações vieram à tona. Quem são, afinal, os que têm os direitos violados e praticam a delinquência? De que forma reagem? Como produzem conhecimento? Qual é a sua relação com a ciência? (NETO, 2009).

A transformação efetiva só ocorre quando se diagnostica determinada situação; quando se busca causas para se chegar a conclusões e, posteriormente, às ações por elas requeridas. Não existe linha de chegada se o

ponto de partida não foi apurado, e neste sentido, muitos autores aqui citados, e outros de igual relevância, vêm buscando decifrar o perfil da Pedagogia Social brasileira, pois estão cientes de que, diferentemente do ocorrido na Europa e resto do mundo, a Pedagogia Social necessária para o Brasil é vinculada a várias áreas de conhecimento e atuação, a vários campos de trabalho e investigação. Muitos estudiosos, cientistas, autores e educadores vêm centrando suas forças para compreender o processo de educação da Infância e da Adolescência, da Juventude, da sua forma de desempenho no Sistema Penitenciário, no Terceiro Setor, nas ONGs, nos mais diversos projetos e programas sociais espalhados pelo solo brasileiro.

E agora, o que fazer? As exaustivas análises focadas no interior Pedagogia Social hão de quebrar impropriedades, fragmentações e confusões conceituais referentes a ela e, quem sabe, originar uma nova área de concentração que demande ensino e formação em Pedagogia Social, nos níveis técnico, de graduação e de pós-graduação *lato e stricto sensu*; cursos de modelagem em Pedagogia Social que possam vir responder mais prontamente às precisões de formação pedagógica dos futuros educadores e pedagogos sociais. Talvez assim, as chances do futrica sobreviver à esta sociedade atroz e desumana que conhecemos, acresçam expressivamente. E quem sabe a espécie futrica vá, gradativamente, sendo extinta, dando lugar a uma sociedade mais humana, compassiva e afetuosa, norteadas por princípios de igualdade de direitos, de promoção da paz, de exercício de liberdade, de tolerância e de prática de justiça.

REFERÊNCIAS

- GARCIA – HIDOBRO, J. E. La educación popular. In: LATAPÍ, P. & CASTILLO, (Orgs.). Lecturas sobre la educación de Adultos en América Latina. México, DF, Crefal, 1985.
- LUZURIAGA, L. Pedagogia Social y Política. Madrid: Editorial Cepe, 1993.
- MACHADO, Evelcy Monteiro. Pedagogia Social. São Paulo, 2009.

MICHAELIS, Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa. Brasil, 2010.

NETO, João Clemente. Pedagogia Social. (Org.). São Paulo, 2009.

PETRUS, A. Pedagogia Social. Barcelona: Ariel, 1997.

SANTOS, Oder José. Pedagogia dos Conflitos Sociais. Brasil, 1999.

OBRA CONSULTADA

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.